

Born in the eighties?

João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira

juntaram a sua *Gente Feliz Com Lágrimas*

– foi a exposição desta edição na Galeria

Walk&Talk. Por Vanessa Rato

As curadorias feitas por artistas podem ter desvantagens. Mas também têm vantagens. Uma delas é chamarem à luz os artistas dos artistas – nomes muitas vezes deixados à sombra pelos circuitos institucionais.

Com que frequência nos cruzamos, por exemplo, com a pintura de D.A.E.S.?

Nuno de Almeida e Silva (D.A.E.S.) ocupa um lugar de destaque em *Gente Feliz com Lágrimas*, a exposição que a dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira comissariou para a quinta edição do festival Walk&Talk, na ilha de São Miguel, Açores.

Apropriando-se do título do conhecido romance de João de Melo, *Gente Feliz com Lágrimas* reúne um conjunto de trabalhos que tocam questões ligadas à circulação de pessoas e bens num mundo globalizado onde, segundo os comissários, “a parte afectiva e o sentimento de pertença a determinado lugar acabam por ser uma condicionante”.

É irónica a participação de Vasco Araújo – para citar um dos artistas mais conhecidos do grupo, que inclui ainda Ângela Ferreira, Pedro Barateiro, Ana Pérez-Quiroga e Sandra Rocha, mas também nomes menos conhecidos como Tiago Alexandre, Nuno Nunes-Ferreira, Horácio Frutuoso, Márcio Santos, Rodrigo Oliveira, Maciel Santos, Maria Trabulo e uma intervenção da Labareda, a editora musical de Sónia Câmara (na exposição, em dupla com Diana Policarpo).

Na sequência das propostas apresentadas em *Re Cordum (Voltar ao Coração)*, que em Setembro do ano passado apresentou na galeria Baginski, em Lisboa, Vasco Araújo volta a trabalhar as relações de poder, dependência e submissão que têm marcado grande parte da sua obra – relações, neste caso, enquadradas por noções de exotismo e alteridade. Sobre uma pequena mesa de madeira, uma natureza morta feita de ananases de plástico – a acompanhar, uma gravação em que se fazem notar as gargalhadas: “Oh, it’s so exotic!”, diz a mesma voz, uma e outra vez. E então as gargalhadas – o tom de indisfarçada superioridade e mofa.

No século XVII, quando os portugueses o trouxeram do Brasil e começaram a cultivá-lo nas suas

ilhas atlânticas, o ananás abriu um dos grandes ciclos económicos açorianos. Cultivado inicialmente como curiosidade botânica ornamental, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, acabou por alicerçar a fortuna de uma nova elite local, com relações comerciais com países como a Inglaterra, a Alemanha e a Rússia.

Foi um período. Antes houvera o Ciclo da Laranja – aquele que Maciel Santos comenta em *Sweet Orange Mega Beast* (2013), o grande contentor marítimo a esmagar o citrino no centro da sala principal de *Gente Feliz com Lágrimas*. A mesma sala onde expõem, entre outros, Ângela Ferreira – evocando a mitologia colonial da travessia da linha imaginária do Equador –, Tiago Alexandre – que transforma os bilhetes dourados da fábrica de chocolates de Willy Wonka em cartas de chamada para os Estados Unidos e o Canadá, dois dos países que mais emigrantes açorianos

recebem –, e Rodrigo Oliveira – com um grande mural inspirado no logótipo da Cadbury (os dois copos com leite aqui representados a derramarem-se ao infinito para dentro uns dos outros). Sobre o *Leite Derramado* (2008) inspirou-se inicialmente no contexto de produção de cacau e chocolate de São Tomé e Príncipe. Recontextualizado, nos Açores, parece evocar a produção leiteira, o sector mais importante da agricultura local.

Contra o minimal

Referindo-se ao conjunto dos artistas com quem escolheram trabalhar, João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira falam “numa estética que não é minimal, em revivalismo dos anos 1960 e 1970”: “Nos últimos anos tem-se promovido uma estética que não nos interessa especialmente. Aburguesada. Asséptica. Inóspita. Que não fala sobre as questões que nos interessam”, concretiza Nuno Alexandre.

Uma das questões que importam é o próprio sistema da arte. A forma como a linguagem dessa arte “aburguesada” responde aos ditames do mercado. Ou como outro tipo de posicionamento comenta esses mesmos ditames, confrontando-os e iludindo-os.

Veja-se a participação de

Gemeniano Cruz. Primeiro, um mural, como os que tem feito em Sintra. É verdade que, com a explosão da *street art* e a sua absorção pelo *mainstream*, mesmo os murais, intervenções à partida inamovíveis, começaram a ser transaccionados de diversas formas no circuito das galerias e leiloeiras. Mas o que dizer das tatuagens que este mesmo artista tem vindo a fazer, por marcação, numa *corner station* montada dentro do espaço expositivo?

Com ele, há uma série de intervenções – assumidas pelo seu autor como obras – que saem da exposição e mergulham na realidade quotidiana isentas de viabilidade especulativa. Na verdade, abandonam o universo expositivo sem qualquer valor de mercado.

Depois, há o caso de D.A.E.S. As quatro pinturas de grande formato deste artista apresentadas em *Gente Feliz com Lágrimas* fazem parte de uma série agrupada sob o genérico *St. Moritz*, como a conhecida comuna suíça, uma das grandes estâncias de Inverno com tradição

Sweet Orange Mega Beast (2013), de Maciel Santos, é um comentário acerca da velha dependência económica dos Açores em relação à laranja

desde meados do século XIX. No blogue em que assume uma *persona* chamada Nuno von Schweiz (Nuno da Suíça, em alemão), D.A.E.S. tem um desenho em que elenca parte da iconografia da sua obra plástica, um estudo a que chamou *painting for dummies* e em que se esboça a base das *St. Moritz paintings*: uma superfície quadrangular dividida em dois planos pictóricos, um dos quais (o superior) ocupado por uma representação evocativa da forma de uma montanha.

O traço das *St. Moritz paintings* é denso e obsessivo, carregado de História. A História da arte, por um lado – e todo o fascínio romântico e pré-romântico por montanhas –, mas também a história da própria realização destas pinturas.

D.A.E.S., actualmente radicado em Berlim, viveu meio ano na Suíça. Mas não é isso. Tem a ver com o rasto da passagem da mão a carregar cada presença com a energia do movimento. E com a luz e a sombra de cada cor usada.

É doloroso imaginar que qualquer destas obras possa desaparecer em breve, mas é o destino de muitos dos trabalhos de D.A.E.S., que quando não vende pinta por cima e destrói, deixando permanecer apenas o registo fotográfico na Internet, através do Facebook ou do blogue onde Nuno von Schweiz vai construindo, passo a passo, uma mitologia individual.

É uma forma de permanência. Uma nova forma de permanência.

No seu blogue, D.A.E.S. dá como elemento fundador o facto de ter nascido nos anos 1980. “Born in the eighties, Lisbon”, diz genericamente. Faz sentido.

